

IDENTIDADE DOCENTE: UMA ANÁLISE (AUTO)BIOGRÁFICA DA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE QUÍMICA

TEACHER IDENTITY: AN (AUTO)BIOGRAPHICAL ANALYSIS OF A CHEMISTRY TEACHER'S EDUCATION

IDENTIDAD DOCENTE: UN ANÁLISIS (AUTO)BIOGRÁFICO DE LA FORMACIÓN DE UNA PROFESORA DE QUÍMICA

Giuliana Rapp Cinezi¹

Resumo: Este artigo investiga a construção da identidade docente a partir de uma abordagem (auto)biográfica, tomando como eixo central a trajetória formativa de uma professora de Química e é parte da dissertação de mestrado da autora. Fundamentado em uma pesquisa qualitativa, o estudo articula experiências da educação básica, formação inicial e prática profissional, compreendendo a identidade docente como um processo dinâmico, inacabado e em constante ressignificação (NÓVOA, 1995). Como estratégia analítica, propõe-se uma metáfora inspirada na Química, associando dimensões do sujeito a elementos químicos. Os resultados evidenciam que a docência se constitui na interseção entre experiência, memória e reflexão, sendo a narrativa autobiográfica um potente dispositivo formativo.

Palavras-chave: identidade docente; narrativa (auto)biográfica; formação de professores; ensino de Química.

Abstract: This article investigates the construction of teacher identity through an (auto)biographical approach, focusing on the formative trajectory of a Chemistry teacher. Grounded in qualitative research, the study articulates experiences from basic education, initial teacher training, and professional practice, understanding teacher identity as a dynamic, unfinished process in constant re-signification (Nóvoa, 1995). As an analytical strategy, a metaphor inspired by Chemistry is proposed, associating dimensions of the subject with chemical elements. The results highlight that teaching identity is constituted at the intersection of experience, memory, and reflection, with autobiographical narrative functioning as a powerful formative device.

Keywords: teacher identity; (auto)biographical narrative; teacher education; Chemistry teaching.

Resumen: Este artículo investiga la construcción de la identidad docente a partir de un enfoque (auto)biográfico, tomando como eje central la trayectoria formativa de una profesora de Química, y forma parte de la tesis de maestría de la autora. Fundamentado en una investigación cualitativa, el estudio articula experiencias de la educación básica, la formación inicial y la práctica profesional, comprendiendo la identidad docente como un proceso dinámico, inacabado y en constante resignificación (NÓVOA, 1995). Como estrategia analítica, se propone una metáfora inspirada en la Química, asociando dimensiones del sujeto con elementos químicos. Los resultados evidencian que la docencia se constituye en la intersección entre experiencia, memoria y reflexión, siendo la narrativa autobiográfica un potente dispositivo formativo.

Palabras clave: Identidad docente; Narrativa (auto)biográfica; Formación docente; Enseñanza de la Química.

¹ Mestra em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo. Professora de química do Centro de Estudos Júlio Verne.
gcinezi@unifesp.br

1 Introdução

O Quando se trata da docência, automaticamente, pensa-se em um sujeito que se move pela educação. Não é apenas saber utilizar de práticas pedagógicas, aplicação de currículo, uso de metodologias ativas ou tradicionais, mas sim, sobre compreender processos pelos quais um indivíduo se torna professor e como, à medida que o tempo passa, ele continua no fazer docente.

A identidade docente, não se aprende na formação inicial. Ao contrário, ela se constrói em vias de um processo aberto, individual, coletivo e que sempre permanece inacabado. Segundo Nóvoa (1995), a construção da identidade profissional nasce em meio do conflito, de processos de reconstruções, erros, acertos, atravessando dimensões pessoais, sociais e até mesmo institucionais.

Neste viés, quando se aborda a formação docente, não se pode olhar apenas para uma das faces do prisma, é necessário ampliar o conceito para reconhecer o papel constitutivo da experiência. Segundo Larrosa (2002) a experiência não é o que acontece, mas sim o que nos acontece após passar por cada um e nos transformar. Sendo assim, formar-se professor é uma implicação subjetiva sobre o que é vivido, onde o sujeito se constrói e ao mesmo tempo atribui sentidos para aquela experiência em sua trajetória.

A abordagem (auto)biográfica é um recurso narrativo que realiza a articulação entre a memória, a experiência e a reflexão, possibilitando que o sujeito possa estruturar novas perspectivas sobre sua história (Josso, 2004; Passegi; Souza, 2017). Quando se trata de narrar-se, não é apenas sobre recordar, mas interpretar, filtrar e construir uma intersecção entre passado, presente e o futuro.

Este estudo propõe uma análise do modo de compreensão sobre a construção da identidade docente, deslocando-a de uma lógica apenas descritiva e construindo uma perspectiva interpretativa e formativa, compreendendo como é possível a constituição do ser professor em meio as rupturas, continuidades e reconfigurações desse processo.

Esta pesquisa foi inspirada na obra de Primo Levi (1994), onde utiliza a Química não apenas como um objeto de ensino, mas como uma linguagem metafórica para a constituição do sujeito. Esta escolha não é meramente estética, mas epistemológica: demonstrando com os elementos químicos se combinam em estruturas e como a identidade docente pode ser compreendida como um arranjo complexo dessas interações.

Com isso, propõe-se a articulação entre o Eu aprendente, o Eu pessoal, o Eu docente e o Eu pesquisador, associadas de maneira metafórica ao Carbono, Hidrogênio, Oxigênio e Nitrogênio, relacionando a ideia de unidade identitária.

Este artigo, tem como objetivo analisar a construção da identidade docente por meio das narrativas (auto)biográficas, buscando a compreensão de como as experiências vividas produzem ressignificações e novas formas de estar no fazer docente.

2 Referencial teórico

Para fazer-se professor, não é apenas entrar em sala de aula e aplicar seu conteúdo, é preciso ter didática, saber ouvir, falar, construir informações para propagar o conhecimento em sua pluralidade, estudar alternativas para melhorar sua prática, e o mais importante, estar sempre disposto a se transformar todos os dias.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção e de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NÓVOA, 1995, p.16).

Essas lutas, conflitos mencionados por Nóvoa (1995) são as experiências. A cada dia que se passa tem-se novas vivências, novas percepções. A identidade está sempre em processo de evolução, permitindo a redefinição constante do que já estava compreendido e estabelecido. Ela é construída a partir das características sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosa, que podem se mutar ao longo de sua trajetória de vida e formação (JOSSO, 2007).

Na docência, os saberes profissionais não envolvem apenas conhecimento acadêmico. Segundo Tardif (2002), os saberes são amplos e plurais e incluem conhecimento pedagógico, experiencial, disciplinar e outros.

Quadro 1 – Saberes Docentes de Tardif e Gauthier		
Saber Docente Tardif	Saber Docente Gauthier	Explicação
Saber de Formação Profissional	Saber das Ciências da Educação	Conhecimentos acadêmicos adquiridos, por meio das disciplinas pedagógicas, para o desempenho da profissão docente
Saberes da Disciplina	Saberes Disciplinares	Conhecimento do conteúdo específico que o profissional leciona, envolvendo o contexto, a história e como esses pensamentos foram estruturados.
Saberes Curriculares	Saberes Curriculares	Relacionados aos Programas Institucionais, propostas curriculares, planos de ensino e outros documentos oficiais que revelam os modelos a serem seguidos.
Saberes da Experiência	Saberes experienciais	Relacionados a prática do profissional que válida, por meio de experimentação, suas ações como adequadas ou não.
	Saberes da Ação Pedagógica	Relacionados à junção dos diferentes saberes e troca de experiências para composição da ação pedagógica, sem a necessidade de um saber científico embasando tal teoria.
	Saberes da Tradição Pedagógica	Relacionados aos conhecimentos construídos na trajetória do indivíduo, nas interações com as instituições e nos conhecimentos historicamente constituídos sobre a profissão docente.

Fonte: Autoria própria, 2022.

Os saberes são fluidos, precisam da experiência e dos conhecimentos para serem colocados em prática. São uma simples conversa de corredor que auxilia em uma melhora didática em determinada sala, ou em um compartilhamento de conhecimentos para produzir uma aula interdisciplinar. Tardif (2002) explica:

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores na escola, etc (Tardif, 2002, p.11).

O processo de formação de professores, não obedece a características singulares. Não é preciso saber todos os livros da disciplina ou ter uma ótima oratória para construir a identidade docente. Ela é construída em meio as errâncias e acertos da prática docente, é sobre ler bons livros, aplicar suas metodologias, mas sem um padrão. Para cada professor ocorre de um modo é único, singular.

A narrativa (auto)biográfica é salientada por Nóvoa (1992), Bueno (2002), Josso (2004) como uma abordagem que permite estabelecer uma relação entre as suas memórias (conhecimento de si) e formação.

Para a escrita autobiográfica é preciso estar disposto a se questionar, se fragmentar e se analisar, desde atos cotidianos a projetos de vida, aquisições, construções, pensamentos, destacando-os e assim, permitindo a reflexão e a resignificação em cada um de seus momentos descritos (JOSSO, 2007). O discurso autobiográfico não consiste apenas em narrativas de vida, ele edifica o ser humano construindo sua narrativa, analisando sua experiência de maneira atemporal.

[...] a experiência nos mostra que a partir da memória nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e resignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido-significado. Essa história que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para o nosso ser-estar no mundo (Brandão, 2008, p.186).

Ferrarotti (1988), Brandão (2008) alegam que a abordagem (auto)biográfica permite uma conciliação entre a história individual do ser, com a social, relacionando seu cotidiano, meio as suas ações, enfatizando que a docência se é construída por meio das experiências vividas, compreendidas e interpretadas.

As narrativas autobiográficas revelam que existem múltiplas perspectivas sobre o eu ao longo da trajetória de vida, entretanto, isso se por sermos frutos de uma existência singular-plural, ora pelas individualidades, pensamentos e características de formação pessoal, ora pela construção coletiva que nos acontece (JOSSO, 2007).

As histórias de vida não são reconstruídas apenas com a finalidade de lembrar do que se foi vivido, mas sim recordar de que estes foram os principais momentos que desgostos fluíram à necessidade de uma ruptura e um reflorescimento surgiu, começando, assim, a construção da identidade profissional (BUENO, 2002).

3 Procedimentos metodológicos

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando o método (auto)biográfico

como abordagem. Essa escolha fundamenta-se no princípio de que a construção da identidade docente não pode ser profundamente estudada e ajustada a categorias fixas ou instrumentos padronizados, necessitando, assim de uma abordagem que reconheça a singularidade das trajetórias e a complexidade das experiências vividas (Abrahão, 2009).

A perspectiva (auto)biográfica, conforme discutida por Josso (2004), desloca o sujeito de objeto de investigação para protagonista do processo investigativo. Sendo assim, a narrativa não é só fonte de dados, mas um espaço de reflexão sobre a produção do conhecimento, onde o sujeito interpreta sua trajetória e atribui sentidos às experiências.

Os materiais foram organizados em três eixos temporais: educação básica, formação inicial e prática docente, não como uma sequência linear, mas como campos de experiência que se interpenetram e se ressignificam mutuamente.

A construção das narrativas seguiu um movimento reflexivo, inspirado no conceito de “biografização” (Passeggi; Souza, 2017), no qual o sujeito revisita o vivido, seleciona acontecimentos significativos e os reinscreve em uma lógica interpretativa.

Como estratégia, foi utilizada uma metáfora inspirada em elementos químicos, estabelecendo uma correspondência entre a identidade e propriedades específicas desses elementos. Assim, o Carbono (Eu aprendente) representa a capacidade de estabelecer conexões e produzir estruturas complexas; o Hidrogênio (Eu pessoal) simboliza a intensidade e a reatividade das experiências individuais; o Oxigênio (Eu docente) expressa a dimensão relacional e vital da prática pedagógica; e o Nitrogênio (Eu pesquisador) evidencia a complexidade e a necessidade de transformação inerentes ao fazer científico.

A análise das narrativas foi desenvolvida de forma interpretativa, no qual os recortes selecionados foram articulados com o referencial teórico, estabelecendo um diálogo entre experiência e teoria. Ao narrar-se, o sujeito não apenas produz conhecimento sobre sua trajetória, mas também se transforma, deslocando seus modos de compreender a si mesmo e sua prática.

4 Resultados e discussão

4.1 O despertar do Eu aprendente: ruptura, estranhamento e produção de sentido

O primeiro contato com os conceitos químicos não se configurou apenas como conteúdos acadêmicos, mas como uma experiência de deslocamento epistemológico. Esse movimento pode ser compreendido quando Larrosa (2002), afirma que a experiência não é aquilo que simplesmente acontece, mas aquilo que nos acontece, isto é, aquilo que nos atravessa e nos transforma. Nesse sentido, o encontro com a Química não representou apenas um conteúdo disciplinar, mas um acontecimento formativo.

O texto inicia abordando os questionamentos sobre a escolha profissional ainda durante a infância, destacando as pressões sociais relacionadas ao sucesso e reconhecimento das profissões. A partir dessas inquietações passa a refletir sobre a dificuldade de compreender o

mundo do trabalho quando ainda criança e sobre como a escola se tornou um espaço importante para ampliar sua visão de mundo.

Ao longo da narrativa, o encantamento pelas Ciências da Natureza aparece como um marco significativo em sua trajetória, especialmente durante as aulas de Química, quando descobriu conceitos relacionados a átomos, moléculas e partículas microscópicas. Esse interesse pelo conhecimento científico despertou curiosidade, admiração e o desejo constante de compreender o funcionamento das coisas, fortalecendo sua aproximação com a área das exatas. Paralelamente, acontecimentos pessoais, como a separação dos pais, também influenciaram sua relação com os estudos, tornando a escola um espaço de acolhimento e refúgio emocional.

O relato também evidencia a influência de professores e metodologias de ensino na formação da autora, destacando práticas pedagógicas que fugiam do ensino tradicional e favoreciam uma aprendizagem mais crítica, reflexiva e significativa, em consonância com as ideias de Paulo Freire. Essas experiências contribuíram para a construção gradual de sua identidade docente e para a compreensão da educação como um processo humano e transformador.

Além das experiências escolares, a narrativa atribui grande importância às relações familiares, especialmente à convivência com o avô, responsável por incentivar o raciocínio lógico, os desafios matemáticos e o interesse pelas ciências desde a infância. Posteriormente, após o avô sofrer um AVC e perder parte da memória, a autora passa a ensiná-lo novamente, vivenciando uma inversão de papéis que fortalece ainda mais sua percepção sobre o ato de ensinar e aprender como processos marcados pela afetividade, pela troca e pela resistência diante das dificuldades.

4.2 A docência como experiência do outro: alteridade e mediação

As experiências com professores durante a formação básica demonstram que a docência se constitui na relação com o outro. Não apenas de uma prática, técnica. A docência pode ser compreendida como uma experiência de alteridade. Mesmo diante de dificuldades em sala de aula, compreende-se à docência como uma prática baseada na reflexão constante, no cuidado e na construção de vínculos.

O relato descreve a continuidade dessa relação após o ingresso da autora na graduação, momento em que o professor passa a auxiliá-la na construção de metodologias, planos de aula e reflexões sobre a prática pedagógica, especialmente durante sua participação em programas como o PIBID e a monitoria. Essas experiências fortalecem o interesse pela docência e contribuem para a construção gradual de sua identidade profissional.

O professor não apenas ensina conteúdos, mas intervém na constituição do outro enquanto sujeito. Como propõe Freire (1996), ensinar é criar condições para que o conhecimento seja produzido, e não simplesmente transmitido.

A narrativa também aborda de forma detalhada e emocional o processo de ingresso da

autora na carreira docente, desde o encaminhamento do currículo até a realização da aula teste em uma escola particular. Os sentimentos de insegurança, ansiedade, nervosismo e autodesconfiança aparecem de maneira muito humana ao longo do texto, revelando os desafios enfrentados por professores iniciantes. Ao mesmo tempo, o relato demonstra como o acolhimento recebido pela equipe escolar e o reconhecimento de seu potencial contribuíram para fortalecer sua confiança e consolidar sua entrada na profissão docente.

4.3 A iniciação à docência como espaço de tensionamento: entre teoria e prática

A inserção no contexto do PIBID configura-se como um momento que possibilita a articulação entre conhecimentos teóricos e práticas concretas de ensino. No entanto, essa articulação não se dá de forma harmoniosa, mas por meio de tensões e deslocamentos.

Ao longo do texto, demonstra-se uma percepção sensível e investigativa sobre o mundo, especialmente a partir de sua relação com a Química e com os fenômenos cotidianos. Essa característica se evidencia na descrição do projeto “Química dos Materiais do Cotidiano (QMC)”, desenvolvido na universidade, no qual os estudantes deveriam analisar cientificamente objetos comuns do dia a dia. A escolha do chiclete como objeto de estudo inicialmente parecia simples, porém a experiência provocou profundas mudanças em sua forma de observar a realidade, despertando novamente o encantamento pela descoberta científica e pela investigação dos processos químicos presentes nos produtos cotidianos. O relato evidencia como uma atividade acadêmica aparentemente simples foi capaz de ressignificar memórias da infância, despertar curiosidade científica e fortalecer sua formação como pesquisadora e futura docente.

A narrativa enfatiza a importância das disciplinas pedagógicas, do estágio supervisionado e do PIBID no desenvolvimento dos saberes docentes, destacando que a formação do professor ocorre de maneira gradual, articulando teoria, prática e reflexão constante sobre o fazer pedagógico. Nesse sentido, o texto evidencia uma prática autobiográfica marcada pela análise crítica das próprias experiências, mostrando como a autora passou a compreender a docência como um processo contínuo de construção, adaptação e transformação.

Outro momento significativo do relato refere-se à experiência no Festival de Música e Ensino de Química (MUSIQUIM), atividade universitária que propunha a criação de paródias musicais envolvendo conteúdos químicos. A autora descreve de forma humanizada as dificuldades enfrentadas durante esse período, especialmente ao relatar que precisou participar do desenvolvimento do trabalho enquanto estava internada devido a uma inflamação renal. Mesmo diante da fragilidade física e emocional, o apoio do grupo e o envolvimento coletivo permitiram que continuasse participando da construção da atividade, revelando a importância das relações humanas, da colaboração e do sentimento de pertencimento dentro da formação acadêmica.

A formação inicial, frequentemente marcada por fragmentações curriculares (Gatti, 2010), tende a dissociar teoria e prática, produzindo uma lacuna entre o que se aprende e o que

se vivencia em sala de aula. Nesse cenário, programas de iniciação à docência emergem como espaços de reconfiguração formativa.

Desse modo, a identidade docente começa a se delinear como uma síntese provisória entre diferentes saberes, acadêmicos, pedagógicos e experienciais, revelando seu caráter processual e inacabado.

4.4 A dimensão existencial da formação: vulnerabilidade, corpo e resignificação

Ao longo da narrativa, os sentimentos de medo, estranhamento e insegurança vivenciados em seu primeiro dia na escola, quando foi confundida com uma aluna e precisou lidar com a sensação de não pertencimento naquele espaço. Essas experiências revelam de forma muito humana os desafios enfrentados por professores em formação, especialmente no início da trajetória docente, quando ainda existem dúvidas sobre metodologias, domínio de conteúdos e sobre o próprio papel do educador em sala de aula.

O PIBID como um espaço de construção coletiva de saberes, no qual os licenciandos aprendem a articular teoria e prática, compreendendo que o trabalho docente vai além do simples ato de ensinar conteúdo. A adaptação de materiais de baixo custo para diferentes realidades escolares e o planejamento de atividades acessíveis aos alunos, evidenciando que a prática pedagógica exige criatividade, reflexão e constante adaptação às condições concretas da escola pública.

O relato também aborda de forma sensível a desvalorização social da profissão docente, apresentando comentários e questionamentos frequentemente direcionados aos professores e licenciandos. O preconceito relacionado à carreira docente, evidenciando como a sociedade muitas vezes associa a profissão à falta de reconhecimento e retorno financeiro.

Ao abordar o enfrentamento de uma doença autoimune e suas consequências físicas e emocionais durante a graduação. Contudo, o texto também destaca o apoio recebido da família, dos colegas da universidade, dos professores e dos integrantes do PIBID, revelando relações marcadas pelo cuidado, acolhimento e solidariedade.

Assim, o relato evidencia uma prática autobiográfica marcada pela resignificação das experiências vividas, demonstrando que a formação docente se constitui não apenas pelos conhecimentos acadêmicos, mas também pelas relações afetivas, pelas dificuldades enfrentadas e pelas transformações humanas construídas ao longo da trajetória.

4.5 O fazer científico como experiência de incerteza: a constituição do Eu pesquisador

A narrativa demonstra que essas reflexões passaram a influenciar diretamente sua futura prática docente, fortalecendo o desejo de desmistificar a Química e aproximá-la do cotidiano dos estudantes. O relato evidencia, assim, como a prática autobiográfica permite compreender

a construção gradual da identidade docente e pesquisadora a partir das experiências vividas no contexto universitário e escolar. Além disso, o texto descreve o processo de aprendizagem relacionado à escrita acadêmica, à busca por referenciais teóricos e ao contato inicial com plataformas científicas, revelando as dificuldades enfrentadas na adaptação à linguagem e às exigências do meio acadêmico.

Na segunda parte da narrativa, a autora relata sua participação na construção de um website voltado para a divulgação de metodologias alternativas para o ensino de Química produzidas no contexto universitário. Essa experiência evidencia a importância do trabalho colaborativo, da divulgação científica e da democratização do acesso a práticas pedagógicas inovadoras. O envolvimento com o projeto também fortaleceu sua aproximação com a produção acadêmica, especialmente durante a elaboração de um resumo científico para submissão ao Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ).

O relato humaniza esse processo ao apresentar as dificuldades técnicas, emocionais e pessoais enfrentadas durante a preparação e submissão do trabalho. O nervosismo diante dos prazos, os problemas com arquivos e internet e a ansiedade relacionada à possibilidade de apresentar o trabalho em outro estado revelam as inseguranças comuns no início da trajetória acadêmica. Ao mesmo tempo, o texto evidencia coragem, comprometimento e desejo de crescimento ao mostrar que, mesmo em recuperação de internações causadas pelo lúpus, a autora decide aceitar o desafio de viajar sozinha para participar do evento científico.

Na terceira parte da narrativa, o relato descreve de maneira sensível sua primeira viagem acadêmica, marcada por sentimentos de medo, descoberta, independência e amadurecimento. A autora apresenta as dificuldades de estar sozinha em uma cidade desconhecida, a preocupação com alimentação, deslocamento e adaptação ao evento científico, mas também evidencia a importância do acolhimento recebido por outras pessoas ao longo da experiência. O texto demonstra como a participação no ENEQ ampliou sua visão sobre o ensino de Química, sobre as diferentes realidades educacionais do país e sobre as múltiplas possibilidades de pesquisa e atuação docente.

4.6 Ensinar a ensinar: Reflexões pedagógicas sobre a prática docente

A experiência relatada a partir da pergunta de um aluno sobre o estado físico do fogo torna-se um marco importante na construção de sua prática pedagógica, pois evidencia uma postura docente baseada na humildade intelectual, na investigação e na aprendizagem contínua. O relato demonstra que a docência é compreendida como um processo permanente de construção de saberes, no qual ensinar também significa aprender com os alunos, com as dúvidas e com as experiências vividas no cotidiano escolar.

Na sequência, a narrativa aborda os impactos da pandemia da COVID-19 na educação e na prática docente. O texto evidencia o período pandêmico como um momento de reconstrução coletiva, marcado por medo, incertezas e necessidade de adaptação às aulas remotas. A autora descreve de maneira muito humana os desafios enfrentados pelos professores

durante esse contexto, as limitações das metodologias iniciais do ensino remoto e os sentimentos de frustração e dúvida sobre a eficácia do trabalho realizado. Entretanto também destaca a importância do acolhimento e do reconhecimento recebido dos alunos, especialmente em um momento em que eles ligam suas câmeras para agradecer aos professores pelo esforço realizado durante a pandemia. Essa experiência é apresentada como um momento profundamente emocional e transformador, reafirmando o sentido humano da educação e fortalecendo sua permanência na docência.

O texto também evidencia a criatividade e o compromisso pedagógico da autora ao relatar estratégias utilizadas para aproximar os alunos do conteúdo durante o ensino remoto e híbrido, como o uso de fantasias, músicas e experimentações químicas adaptadas ao contexto sanitário. Essas experiências demonstram uma prática docente dinâmica, afetiva e contextualizada, fundamentada na tentativa constante de tornar o ensino significativo e acolhedor mesmo em períodos de crise.

Outro aspecto relevante do relato refere-se às reflexões sobre o ensino de Ciências e sobre a necessidade de aproximar os conteúdos científicos do cotidiano dos estudantes. Também se discute experiências vividas em reuniões pedagógicas e destaca-se a importância de traduzir conceitos científicos complexos para uma linguagem acessível, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos e os exemplos do cotidiano como ferramentas fundamentais para a aprendizagem significativa.

Há um aprofundamento, a dimensão autobiográfica ao abordar experiências relacionadas à formação continuada, à pesquisa em educação e ao papel da autora como alguém que passou a auxiliar outros professores em início de carreira. A narrativa evidencia a construção de relações colaborativas e afetivas entre colegas docentes, demonstrando como as trocas de experiências, os diálogos e o apoio mútuo contribuem para o desenvolvimento da identidade profissional. O texto mostra que ensinar a ensinar também se torna parte de sua trajetória, especialmente ao orientar uma colega sobre conteúdos, metodologias, avaliações e relações pedagógicas.

A participação em grupos de pesquisa, grupos de interação e formação (GIF) e na produção de capítulos de livro também aparece como elemento central na consolidação de sua identidade como professora-pesquisadora. O relato demonstra que as práticas autobiográficas desenvolvidas nesses espaços permitiram revisitar memórias, ressignificar experiências e compreender que a formação docente não começa apenas na universidade, mas é construída ao longo de toda a trajetória de vida.

5 Considerações finais

O fazer docente é um processo contínuo, marcado pelas experiências, reflexões e interações ao longo do processo. Ser professor não é apenas sobre domínio de conteúdo, mas sobre a atribuição de sentidos em sua prática docente, com isso a construção da identidade docente é permanentemente inacabada, assim como a reflexão sobre a prática diária. Não se

nasce professor, se constrói a cada dia seu fazer docente único.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica em educação: teoria e prática**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ALMEIDA, Maria Isabel de; BIAJONE, Jefferson. **Saberes docentes e formação de professores: reflexões contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUENO, Belmira Oliveira. Pesquisa autobiográfica e formação de professores. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 17-34.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 2010.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Unijuí, 2013.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 31-61.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 413-438, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2004.

LEVI, Primo. **A tabela periódica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas autobiográficas em educação: desafios e potencialidades. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 140, p. 9-25, 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1993.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 215-233, 1991.

Recebido em 05 de maio de 2024.

Publicado em: dezembro de 2024.